

O Livro Apreendido

1232

RUBEM BRAGA

NÃO sei se foi mesmo do ministro Gama e Silva a idéia de apreender, na gráfica, a maior parte da edição do livro «Torturas e Torturados», de Márcio Moreira Alves. O homem do DOPS que fez esse serviço disse estar agindo por ordem sua. A história que me contaram é que foi um general que serviu ao governo passado quem promoveu a apreensão. De qualquer maneira, foi uma típica idéia de jerico. Não acredito que a Justiça tarde a liberar o livro. Mesmo que se levem em conta os estatutos odiosos da Lei de Imprensa e da Lei de Segurança, não há como proibir o livro. Essa apreensão é ilegal e é, ao mesmo tempo, odiosa e ridícula.

O livro do deputado Márcio Moreira Alves é feito principalmente com os artigos e reportagens que ele publicou no «Correio da Manhã». As pessoas ali acusadas de torturar ou mandar torturar presos políticos nunca se defenderam. São três coronéis do Exército no Recife: Darcy Vilhoq Viana, Antônio Bandeira e Hélio Ibiapina, além de um capitão Bismarck e de um delegado Álvaro Costa Lima. No Rio, sob o mando do cel. Gustavo Borges e de Cecil Borer, são Sérgio Alex Toledo, Solimar e Boneschi, além dos tenentes da Marinha Darci Benedito, Gama Lima, Xavier e Vereza. Em Goiás, é sobretudo o tenente Marco Antônio Brito Fleury, ajudado pelos sargentos Thompson e Guido Ferro.

O resultado da impunidade dessa gente é o que se vê: a polícia civil do Rio continua a torturar presos comuns, e até a Companhia de Transportes Coletivos da Guanabara se dá ao luxo de ter seus próprios torturadores e locais de tortura.

O livro de Márcio não é escrito com ódio nem fúria. É um documento sério, escrito com objetividade, um trabalho de excelente jornalismo, que ajudou, com denúncias feitas na ocasião por outros jornalistas, a formar um clima que levou o governo Castelo Branco a pôr um paradeiro a esses crimes oficiais.

Que sentido terá apreender um livro que, mesmo que seja um **best-seller** (não será, porque uma boa parte do público prefere não ler essas coisas), jamais terá a divulgação que a imprensa diária deu a seus capítulos? Os promotores da apreensão do livro devem ter muito má consciência, ou estão, por um falso sentimento de coleguismo, querendo poupar vergonha aos autores dessas misérias.

Durante o jantar oferecido a Raymond Cartier, no Museu de Arte Moderna, dei a notícia da apreensão a um colega de imprensa. Um correspondente estrangeiro, que ali estava, comentou então:

— Sou obrigado, como profissional, a mandar a notícia da apreensão do livro ao meu jornal. Não tivesse havido essa apreensão, e eu ignoraria o livro, por tratar ele de coisas já passadas, que não são mais notícia. Depois se queixam de que a gente tem má vontade com o governo...

Não são fáceis de avaliar os prejuízos de ordem moral e mesmo material que causa ao país a divulgação, no exterior, de uma notícia dessas. Mas a culpa não é dos correspondentes, é dos que criaram a notícia. Como a culpa do livro não é de Márcio, é dos que escreveram, na realidade, aquelas páginas de sangue, de covardia e opróbrio em nossa história política.

DN - 2/6/67

182